

ROLAND BARTHES — El placer del texto, Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 1974, 85 pp. (Tradução de Nicolás Rosa).

Um livro que apresenta um caráter de síntese associado a uma evidente profundidade, e que traz de novo Barthes a uma preocupação com o problema de visão impressionista em torno do gozo e do prazer, eis o que temos nesta oportunidade.

O primeiro problema posto por Roland Barthes refere-se à distinção entre o prazer e o gozo proporcionados pelo texto literário. Nota-se que já neste início, o A. enfatiza a presença de um indivíduo, uma pessoa, um “eu”, que se define subjetivamente sobre o texto literário:

“Si leo con placer esta frase, esta historia o esta palabra es porque han sido escritas en el placer (este placer no está en contradicción con las quejas del escritor). Pero y lo contrario? Escribir en el placer, me asegura a mí, escritor, la existencia del placer de mi lector?” (pp. 10 e 11)

Como se vê, Roland Barthes se interroga sobre a existência e qualidade do prazer, do escritor que escreve e se ele condiciona a existência desse mesmo prazer, no leitor. Na busca do escritor pelo leitor é que para Barthes se estabelece o espaço de gozo que mais adiante o A. distinguirá mais ou menos rigorosamente do prazer.

Dando um giro de 180 graus, o A. passa do estudo do prazer e do gozo, à referência à neurose, que parece ser a única possibilidade de se aceder rigorosamente ao prazer e ao gozo. Mais adiante Roland Barthes fala dos escritores do prazer e enfileira alguns e assinala que em geral é com estes artistas que a crítica se preocupa:

El escritor de placer (y su lector) acepta la letra, renunciando al goce tiene el derecho y el poder de decirlo: la letra es su placer esta obsesionado por ella, como lo están todos los que aman el lenguaje (no la palabra): los logófilos, escritores, corresponsales, linguistas; es por lo tanto posible hablar de los textos de placer (aquellos que no ofrecen ningún debate con la anulación del goce): la crítica se ejerce siempre sobre textos de placer, nunca sobre textos de goce: Flaubert, Proust, Stendhal son comentados inagotablemente” (p. 32).

Contudo é de assinalar-se que embora exemplifique com autores de texto de prazer, Roland Barthes não se lembra do proceder da mesma forma com outros, respeitantes aos textos de gozo.

Outro tópico a que se atém o A. é o relativo à tipologia dos prazeres de leitura ou dos leitores de prazer, assinalando que esta tipologia não poderia ser de caráter sociológico e sim psicanalítico.

Mas nas leituras dos textos de prazer e de gozo, há uma diferença fundamental que o autor lembra à certa altura do volume:

Por outra parte, proveniente del psicoanálisis, tenemos um medio indirecto de fundar la oposición entre texto de placer y texto de goce: el placer es decible, el goce no lo es. El goce es inadecible, interdicto. (p. 31)

Outro aspecto importante enfocado por Roland Barthes é o relativo ao caráter pessoal, individual e intransferível, diante do texto de prazer:

“Cada vez que intento “analizar” un texto que me ha dado placer no es mi “subjetividad” la que reencuentro, es mi “individuo”, el dato básico que separa mi cuerpo de los otros cuerpos y hace suyo su propio sufrimiento, su propio placer: es mi cuerpo de goce el que reencuentro”. (p. 79)

Já para o final, Roland Barthes lembra que as palavras de Júlia Kristeva muito justas sobre a significância, tomada esta como lugar e gozo e relativas ao valor erótico e crítico da prática do texto, infelizmente são esquecidas e reprimidas.

Concluindo, seu volume, Roland Barthes assinala com muita propriedade que, se fosse possível imaginar uma estética do prazer textual, seria necessário incluir nela a “escritura em alta voz”.

Outros aspectos como a impossibilidade de tese sobre o prazer do texto, ou a valorização do “novo” como fonte de prazer ou que o prazer não tem nenhuma acepção ideológica (embora alguns defendam o contrário), revelam-se como de fundamental importância nesta obra de Barthes, que depois de uma enorme onda estrutural e estruturalista, volta a preocupar-se com a visão pessoal, subjetiva do texto que pode levar ao prazer e ao gozo. Livro importantíssimo, não só pelas idéias expendidas mas também por constituir uma viragem na posição crítica de Roland Barthes.